

ESTRATÉGIAS



David Rumsey e um de seus mapas num monitor gigante

Stanford oferece coleção de mapas

A Universidade Stanford, nos Estados Unidos, criou um centro cartográfico que oferece ao público uma das maiores coleções privadas de mapas do mundo – são mais de 150 mil itens, entre mapas, atlas, globos terrestres e outros objetos. O acervo foi doado por David Rumsey, 71 anos, empresário do ramo da incorporação de imóveis de São Francisco, cujo nome batiza o centro. A coleção mostra a evolução da cartografia entre o século XVIII, quando as representações da superfície em geral se limitavam a descrever o ambiente físico, e o XIX, época em que passaram

a trazer outras informações, da prevalência de doenças num determinado território a dados recolhidos em censos demográficos, como as características étnicas, religiosas ou educacionais da população. Os mapas já são bastante conhecidos. Desde os anos 1990, Rumsey se dedica a digitalizar a coleção e boa parte dela pode ser consultada on-line no endereço davidrumsey.com. “Não sou um colecionador possessivo. Fico animado em adquirir itens que outras pessoas possam usar ou que gerem um aprendizado”, disse o empresário à revista *National Geographic*.

Nas instalações construídas para o centro na divisão de bibliotecas de Stanford, em Palo Alto, Califórnia, qualquer usuário com interesse acadêmico pode solicitar um mapa em papel e usar uma variedade de monitores, incluindo uma tela de 3,6 metros de largura por 2 metros de altura sensível ao toque, para explorar os detalhes da imagem, além de compará-la com outros mapas ou imagens de satélite. Também estão disponíveis no centro outras duas coleções de Stanford, que reúnem mapas da Califórnia e da África, além de mais de 10 mil itens adquiridos de antiquários.



Brito Cruz: no conselho de governança da Universidade das Nações Unidas

ONU tem novo conselho

O diretor científico da FAPESP, Carlos Henrique de Brito Cruz, foi nomeado para o conselho de governança da Universidade das Nações Unidas (ONU), organização sediada no Japão que promove estudos colaborativos e ensino de pós-graduação e reúne 11 institutos de pesquisa e diversos programas. Os nomes de Brito Cruz e de outros 11 novos conselheiros foram anunciados pelo secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-moon, e pela diretora-geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), Irina Bokova. No rol dos nomeados, também estão o vice-reitor da Universidade de Gana, Ernest Aryeetey; o diretor do Instituto de Ciência e Paz da Universidade de Hiroshima, Tsuneo Nishida; o diretor do Instituto Chinês de Políticas para Ciência e Tecnologia, Lan Xue; e o diretor executivo da Iniciativa de Reforma Árabe, Bassma Kodmani, entre outros. Segundo a ONU, as principais funções do conselho da ONU são formular princípios e políticas da universidade, governar suas operações e avaliar e aprovar o orçamento bianual e o programa de trabalho da instituição.

A missão cumprida do nanossatélite

O nanossatélite brasileiro Serpens encerrou sua missão no espaço de acordo com o que estava previsto e se desintegrou na atmosfera no dia 27 de março, depois de permanecer em órbita por seis meses. Desenvolvido pela Agência Espacial Brasileira (AEB) em parceria com professores e estudantes de universidades e institutos de pesquisa federais, o artefato deu mais de 3 mil voltas ao redor da Terra, coletando e transmitindo

dados ambientais. O satélite, que media 10 x 10 x 30 centímetros, custou R\$ 800 mil e é o primeiro de uma família vinculada ao projeto Sistema Espacial para Realização de Pesquisas e Experimentos com Nanossatélites (cuja sigla também é Serpens), financiado pela AEB (ver Pesquisa FAPESP nº 219). Segundo a professora Chantal Cappelletti, coordenadora do projeto pela Universidade de Brasília (UnB), o desenvolvimento do

aparelho teve grande utilidade pedagógica. “A prática de construir um nanossatélite é uma experiência que amplia o conhecimento dos estudantes”, disse ela, segundo o site da AEB. Além dos alunos da UnB, estudantes das universidades federais do ABC, de Santa Catarina e de Minas Gerais, e do Instituto Federal Fluminense (IFF) ajudaram a desenvolver o satélite, levado até a Estação Espacial Internacional em agosto.

Proteção a patentes flexível

A GlaxoSmithKline (GSK), multinacional farmacêutica com sede no Reino Unido, anunciou que vai flexibilizar sua estratégia para a proteção de patentes de seus medicamentos. A ideia é abrir mão das patentes em cerca de 50 países muito pobres, como Afeganistão e Zâmbia, permitindo que sejam fabricados livremente por empresas locais. Já em outras 35 nações em desenvolvimento, a intenção é manter a proteção à propriedade intelectual, mas facilitar acordos de licenciamento que garantam a comercialização dos remédios por preços baixos. A mudança não vale para países desenvolvidos, nem para os emergentes que estão entre as 20 maiores economias do planeta, como China, Índia e Brasil. A iniciativa deve ter um impacto pequeno nos resultados da empresa, que tem vendas limitadas em países pobres, e marca a iniciativa mais recente de indústrias farmacêuticas para

enfrentar as críticas de que cobram muito caro por produtos vendidos em países pobres – outras companhias, como a Merck KGaA e a Roche, adotaram políticas semelhantes. Andrew Witty, executivo-chefe da GSK, disse à revista *Nature* que também considera submeter pedidos de patentes de futuras drogas contra o câncer a uma iniciativa das Nações Unidas, a Medicine Patent Pool, que negocia contratos de licenciamento em larga escala com fabricantes de genéricos para disseminar a produção de remédios em mais de uma centena de países.

Representação do satélite Serpens: seis meses em órbita



IEA tem novos diretores

O Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP) tem uma nova direção. O médico patologista Paulo Saldiva, professor da Faculdade de Medicina da USP, foi designado diretor do instituto, e o engenheiro Guilherme Ary Plonski, professor da

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, vice-diretor. Entre as medidas que eles planejam adotar nos próximos quatro anos, destacam-se a criação de uma Escola Avançada de Formação de Lideranças, que atenda interessados em questões relacionadas a políticas públicas; a promoção de estudos sobre urbanidade e qualidade de vida; e o aumento da articulação da USP com o poder legislativo. Criado em 1986 como um fórum interdisciplinar, o IEA reúne pesquisadores de várias áreas e busca estimular discussões que, entre outros objetivos, ajudem a formular políticas públicas.

Distribuição de remédios para prevenir doenças parasitárias em Gana

